



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

vol. 35 | 2016

Evidência, afecto e inconsciente

Evidência, afecto e inconsciente

Apresentação

Adelino Cardoso, Nuno Miguel Proença e Danièle Cohn



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2644>

DOI: 10.4000/cultura.2644

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2016

Paginação: 9-11

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Adelino Cardoso, Nuno Miguel Proença e Danièle Cohn, « Apresentação », *Cultura* [Online], vol. 35 | 2016, posto online no dia 23 janeiro 2018, consultado a 24 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2644> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.2644>

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 setembro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Evidência, afecto e inconsciente

Apresentação

Adelino Cardoso, Nuno Miguel Proença e Danièle Cohn

- 1 A procura da evidência acompanha todo o esforço de verificação e constitui a forma-prínceps da inteligibilidade. A via cartesiana da modernidade reforçou o papel da evidência como critério fundamental da verdade apodíctica. No entanto, a investigação sobre o quadro geral da evidência, os seus operadores e obscuridades é muito recente, devendo-se a Fernando Gil o contributo decisivo. O *Tratado da Evidência* (1993) e *Modos da Evidência* (1998) inauguram um programa de investigação, cuja fecundidade se reflecte neste número de *Cultura*.
- 2 Como bem mostrou Fernando Gil, a evidência é um excesso de crença, que remete para um fundo alucinatório, onde se situa o nível mais arcaico da percepção e da “fé perceptiva”. A alucinação é o grande operador da evidência, que trabalha por dentro o exercício de fundamentação levado ao limite, de que são exemplo notável a instanciação do poder soberano e o argumento ontológico.
- 3 A consonância possível entre a evidência e a alucinação originária, que passa pelo facto de ambas terem como modelo o existente absoluto, tem igualmente consequências de grande fecundidade para quem procura resolver o problema das formas de articulação entre a fenomenologia e a psicanálise. A actividade fundacional da evidência implica, a um nível arcaico, a articulação entre pulsão, afecto e figuração na posição das objectidades dadas no aparelho percepção-linguagem. Cada uma destas dimensões tem um papel decisivo enquanto componente essencial do conhecimento, mas vai para lá da dimensão cognitiva, revelando a génese da significação, tanto nas teses psicanalíticas como nas descrições fenomenológicas. É o próprio par “intenção/preenchimento”, presente na teoria husserliana da evidência que se pode reconduzir à dimensão mais profunda do par “desejo/satisfação”, tal como este se revela pela análise da alucinação primitiva na teoria freudiana do sonho ou da relação de objecto. O preenchimento do visado requer uma presença compulsiva, que é índice de realidade e de verdade, e uma adequação, sob a forma de auto-adoção, que dispensa o recurso à verificação. Tanto uma como a outra retomam uma conexão arcaica e irreduzível entre o desejo e o sentimento de satisfação de uma *Ur-glaube* ao nível das estesias. Estas não serão pistas essenciais

para resolver a tensão aparente entre consciência e inconsciente ou entre a intencionalidade e o grupo pulsão-afecto-representação?

- 4 Os temas abordados neste número de *Cultura* foram objecto de debate em dois colóquios internacionais de intenção distinta, mas cujo quadro conceptual revela grandes afinidades: o Colóquio “Modos da evidência”, organizado por Danièle Cohn e Adelino Cardoso, em Setembro de 2012, e o Colóquio “Pulsão, afecto e inconsciente: da filosofia à psicanálise, da psicanálise à fenomenologia”, organizado, no mesmo mês, por Nuno Miguel Proença.
- 5 Os trabalhos em torno do pensamento de Fernando Gil incidem sobre objectos e operações de eleição do nosso Filósofo, como sejam o tema da soberania (Diogo Pires Aurélio), a operação da evidência (Ana Isabel Bastos) e a inteligibilidade da expressão situada num quadro leibniziano (Sofia Araújo); retomam diálogos dos autores com Fernando Gil a propósito de aplicações de conceitos gilianos em domínios diversos como a cura psicanalítica (Françoise Coblence), a medicina e a arte médica (Manuel Silvério Marques), a produção literária de Manuel Teixeira-Gomes (Helder Macedo) e uma importante descoberta matemática de Cantor (Françoise Balibar).
- 6 Os trabalhos que interrogam a articulação entre a fenomenologia e a psicanálise interpretam de forma inovadora o sentido dos conceitos de afecto, pulsão e inconsciente. Uma leitura husserliana da afecção permite aproximá-la da teoria psicanalítica das pulsões e relacionar o inconsciente fenomenológico e o inconsciente freudiano (Carlos Morujão). O afecto é o solo da ontologia fundamental; entendido a partir das análises heideggerianas, a sua importância revela-se tanto no cuidado como na compreensão do existir na quotidianidade (Irene Borges Duarte). A repetição cega, característica das pulsões, que se opõe nihilisticamente à mudança, apela à instituição de um sujeito cujo desejo, simbolicamente determinado, se situa para lá do princípio natural do prazer (Rudolf Bernet). A doutrina psicanalítica das pulsões, dos seus objectos e da relação entre sexualidade e lei transgride os limites ontoteológicos fixados pela filosofia, indo para além da *one-body psychology* e da *one-body neurology*, elucidando o significado da aprendizagem (Fernando Belo). Uma leitura fenomenológica do nó da topologia lacaniana permite entender os seus buracos como experienciáveis sob o modo afectivo e carnal: pulsões, desejos e amor são a sua matéria e os seus movimentos recebem assim um significado ontológico (Guy-Félix Duportail). A descrição henryana da subjectividade como auto-afecção do vivente permite, por seu turno, redefinir as noções freudianas de afecto, pulsão e inconsciente, tornando possível a compreensão do recalamento para lá da herança de uma filosofia da representação (Nuno Miguel Proença). Jaspers e Binswanger adoptam, de forma diversa, a fenomenologia a partir da recepção da psicanálise freudiana. O debate em torno do método estrutural em psicopatologia mostra-nos como (Elisabetta Basso).

AUTORES

ADELINO CARDOSO

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, Portugal.

cardoso.adelino@gmail.com

Doutorou-se pela Universidade de Lisboa e é Investigador Integrado do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores. Coordenou projectos de investigação, nomeadamente “Filosofia, Medicina e Sociedade”, “O conceito de natureza no pensamento médico filosófico na transição do século XVII ao XVIII” e “Arte médica e inteligibilidade científica na *Archipathologia* de Filipe Montalto”. É autor de um vasto número de artigos em revistas especializadas, bem como dos livros: *Fulgurações do Eu* (2002), *O Trabalho da Mediação no Pensamento Leibniziano* (2006) e *Vida e Percepção de Si* (2008).

PhD from the University of Lisbon, Investigator at the CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores. He was the Principal Investigator of several projects such as “Philosophy, Medicine and Society” (2007-2011), “The concept of nature in the medico-philosophical thought at the transition from the seventeenth to the eighteenth century (2012-2015), and “Medical art and scientific intelligibility in the *Archipathologia* (1614) by Filipe Montalto” (2013-2015). He is the author of numerous papers in specialized journals and of the books *Fulgurações do eu* (2002), *O trabalho da mediação no pensamento leibniziano* (2006) e *Vida e percepção de si* (2008).

NUNO MIGUEL PROENÇA

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, Portugal. Bolseiro de Pós-Doutoramento da FCT - SFRH/BPD/110895/2015. nunomiguelproenca@gmail.com

Post-doctorant au CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade do Açores (FCT SFRH/BPD/110895/2015) et docteur en philosophie de l'EHESS – où il a étudié avec Fernando Gil.

Il a enseigné au Collège International de Philosophie (2006-2008) et a été membre du Centro Português de Psicanálise (2010-2014). Depuis 2014, il enseigne la philosophie à l'APPSI. À ce jour, il a publié *Qu'est-ce que l'objectivation en psychanalyse?* (L'Harmattan, Paris, 2008), *Wittgenstein, a prova e a actividade matemática: uma introdução* (Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2009), articles et chapitres de livres, quelques traductions scientifiques et un roman.

Postdoctoral researcher at the CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores (FCT SFRH/BPD/110895/2015) and a PhD in Philosophy from the EHESS – where he studied with Fernando Gil. He taught at the Collège International de Philosophie (2006-2008) and was a member of the Centro Português de Psicanálise (2010-2014). Since 2014, he teaches philosophy at the APPSI – the Portuguese branch of the International Association for Relational Psychotherapy and Psychoanalysis. To this day, he has published *Qu'est-ce que l'objectivation en psychanalyse?* (L'Harmattan, Paris, 2008), *Wittgenstein, a prova e a actividade matemática: uma introdução* (Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2009), articles and book chapters, some scientific translations and a novel.

DANIÈLE COHN

Centre de philosophie contemporaine, Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, France.

Daniele.Cohn@univ-paris1.fr

Philosophe, Danièle Cohn est Professeuse des Universités, et enseigne l'esthétique à Paris 1 Panthéon Sorbonne. Elle publié récemment *Anselm Kiefer, Ateliers*, Éditions du Regard, 2012,

L'Artiste, le vrai et le juste, Éditions Rue d'Ulm, 2014. Elle a été commissaire de l'exposition *De l'Allemagne, de Friedrich à Beckmann, 1800-1939*, au Musée du Louvre, 2013 et dirigé avec Sébastien Allard le catalogue de cette exposition, Hazan, 2013.

Danièle Cohn is a philosopher and Professor of Aesthetics at Paris 1 Panthéon-Sorbonne University. She has recently published *Anselm Kiefer, Ateliers*, Éditions du Regard, 2012 and *L'artiste, le vrai et le juste*, Éditions Rue d'Ulm, 2014. She curated the exhibition *De l'Allemagne, de Friedrich à Beckmann, 1800-1939*, at the Louvre Museum, 2013, and co-edited with Sébastien Allard the catalogue of this exhibition, Hazan, 2013.